

Castelos de Orquídeas: Rena Butler, as relações de gênero e a presença protestante no espaço público

Orchid Castles: Rena Butler, gender relations and the protestant presence in public space

Rogério de Carvalho Veras*

Loyde Anne Carreiro Silva Veras**

Resumo: Esse artigo trata da trajetória de Mary Rena Humphrey Butler (1861-1954), empresária, missionária e esposa do médico e missionário protestante, George William Butler (1853-1919). O trabalho de Rena foi fundamental para a consolidação protestante no interior pernambucano, um legado inscrito no espaço urbano pela construção de edifícios em Canhotinho-PE. A partir dessa perspectiva, a trajetória de Rena confrontou as representações de gênero que marcam os registros históricos e a memória construída sobre ela. Essa pesquisa complexificou as imagens consagradas pela memória oficial sobre o casal e realocou o papel de Rena Butler como sustentáculo financeiro daquela missão por meio da exportação de orquídeas. Uma trajetória que possibilitou repensar a importância das mulheres e de outras missionárias no processo de consolidação e visibilização do protestantismo no espaço público brasileiro.

Palavras-chave: Rena Butler; Protestantismo; Espaço Público.

Abstract: This article deals with the trajectory of Mary Rena Humphrey Butler (1861-1954), businesswoman, missionary, and wife of Protestant physician and missionary George William Butler (1853-1919). Rena's work was fundamental for the protestant consolidation in Pernambuco's inland, a legacy inscribed in the urban space by the construction of buildings in Canhotinho-PE. From this perspective, Rena's trajectory confronted the gender representations that mark the historical records and the memory built about her. This research complicated the images consecrated by the official memory of the couple and reallocated Rena Butler's role as the financial backer of that mission by exporting orchids. A trajectory that allowed us

* Doutor em História. Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/Imperatriz-MA).

** Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.

to rethink the importance of women and other missionaries in the process of consolidation and visibility of Protestantism in the Brazilian public space.

Keywords: Rena Butler; Protestantism; Public Space.

Introdução:

Esse artigo é sobre Mary Rena Humphrey Butler (1861-1954) e seus castelos de orquídeas: uma empresária norte-americana que, com o seu trabalho no comércio e exportação de orquídeas, não só foi responsável pela manutenção da família no Brasil, quanto também ajudou a construir e sustentar o trabalho missionário do marido no agreste pernambucano, financiando a construção de um patrimônio arquitetônico e, assim, assegurando a projeção do protestantismo no espaço público em um período de estabelecimento dessa religião no Nordeste brasileiro.

Mas não foi assim que conhecemos essa história. Em visita realizada a Canhotinho, no agreste pernambucano, quando pesquisávamos sobre a vida e obras de George William Butler (1853-1919)¹, marido de Rena, fomos atraídos à parte da cidade conhecida como Alto da Parasita. Lá se encontrava construções do início do século XX atribuídas ao médico missionário George Butler: uma igreja, uma escola e um hospital. Prédios preservados em sua memória e recentemente restaurados, à exceção da escola, que foi transformada em um salão anexo da igreja. A memória de George Butler estava inscrita em cada parede construída e reformada, reforçada pelas reminiscências de moradores da região e de membros da igreja – anfitriã de muitos que a procuram pelas histórias do médico-missionário, a visitarem sua lápide nas dependências da igreja.

Conquanto, um detalhe nos despertou nessa história: o nome do lugar. O Alto da Parasita contrastava com a memória construída institucionalmente pelo e para o dr. George Butler por ser uma referência à presença e influência de Rena Butler e suas orquídeas – é corrente no interior do Brasil que estas sejam chamadas de parasitas, por crescerem sobre os caules de outras plantas e árvores. O registro popular nos levou a Rena Butler e aos indícios da importância de seu trabalho na região, ainda que invisibilizada nos registros oficiais da igreja, ou mesmo na memória que se quer construir sobre a ação missionária protestante naquele lugar.

¹ Pesquisa registrada como tese de doutorado de Rogério de Carvalho Vêras (2018), intitulada: **O arquiteto das orquídeas: trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919)**

O Alto da Parasita é, assim, nosso ponto de partida e também uma via de acesso para a reflexão sobre a trajetória de Rena Butler e sua importância no contexto daquela missão no interior pernambucano. Contudo, seguir as pistas de sua ação em meio a um contexto dominado pelo universo masculino é uma tarefa que guarda suas dificuldades: a biografia de Rena como uma “esposa de missionário”², a exemplo de tantas outras, a deixou à margem das fontes escritas tradicionais, onde a proeminência no espaço público parece ter sido ocupada pelo marido.

Às esposas foi relegado o papel de apêndice da missão masculina e, mesmo após a morte dos seus maridos, é sobre a vida deles que elas têm que lembrar, escrevendo narrativas sobre a coragem, empreendedorismo, persistência e sucesso dos seus homens. Historicamente, sobre a vida da mulher pouco se preserva, como já observou Michelle Perrot:

A destruição dos vestígios também ocorre, sendo social e sexualmente seletiva. Num casal cujo cônjuge masculino é célebre, serão conservados os papéis do marido, e não os da mulher. [...] Ocorre igualmente uma autodestruição da memória feminina. Convencidas de sua insignificância, estendendo à sua vida passada o sentimento de pudor que lhes havia sido inculcado, muitas mulheres, no ocaso de sua existência, destruíram – ou destroem – seus papéis pessoais. (PERROT, 2016, p. 22).

Pouco encontramos sobre Rena Butler, mesmo nos registros e memória familiares. Seguimos, pois, (talvez com algum pesar) a trilha deixada pela sombra de George Butler, pois é sobre ele que as fontes falam, ainda que muitas destas tenham sido produzidas pela própria Rena. Nesse percurso, nos servimos de cartas escritas por Rena Butler sobre o marido ao historiador David Gueiros³, de cartas biográficas sobre George Butler escritas também por ela às igrejas presbiterianas norte-americanas⁴, e de biografias do Butler produzidas no contexto de construção da

² Há na historiografia protestante, como bem observou Loyde Veras (2019, p. 4): “uma distinção de categoria entre a ‘missionária’ – atribuída a mulheres solteiras que desenvolveram seu trabalho independente da figura masculina, ou seja, de um marido –, e a ‘esposa de missionário’. Esta, independentemente de suas funções fora do lar e de também ser considerada missionária, tem sua biografia construída a partir da figura do marido, sobre as representações de esposa, auxiliar do marido, dona de casa, mãe, cuidadora, educadora, a partir dos referenciais de uma mulher burguesa do século XIX”.

³ Há duas cartas enviadas por Rena ao historiador David Gueiros Vieira no início dos anos 1950, em razão de suas pesquisas de mestrado sobre o trabalho e influência de George Butler.

⁴ Rena Butler escreveu pequenas biografias sobre o marido falecido por solicitação das Igrejas presbiterianas norte-americanas. São cinco destas cartas biográficas, provavelmente escritas por volta

história das igrejas presbiterianas no Brasil⁵. Também pesquisamos nas revistas missionárias da “Igreja Presbiteriana do Sul” dos Estados Unidos⁶, *The Missionary* e *The Missionary Survey*, onde foram publicadas cartas e relatórios de Rena e George Butler durante seu tempo de missão no Brasil.

Em nosso esforço de análise, levamos em consideração o observado pela historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (*apud* PEDRO, 2005, p. 85): “se o que tornava difícil a história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas”, trabalhem, pois, para “buscar as minúcias, de ler nas entrelinhas, de garimpar o metal precioso das fontes em meio ao abundante cascalho” de uma história produzida sob o poder masculino.

Assim, procuramos compreender a trajetória de Rena Butler como uma empreendedora da missão protestante em terras brasileiras, buscando analisar as representações do papel feminino construídas sobre ela, como uma esposa de missionário, e como as relações de gênero⁷ marcaram as fontes e a memória de sua trajetória. Para isso, foi fundamental repensar o olhar da própria Rena sobre o trabalho e vida missionária que ela e o marido tiveram.

O casamento de Rena e George Butler

Mary Rena Humphrey nasceu em Onslow, Carolina do Norte, e era filha de um proprietário de fazenda (*plantation*) naquele condado. Em depoimento, uma de suas filhas, Rena Butler Latham, acredita que seu pai conheceu Mary Rena quando esta foi para Goldsboro, como uma aluna sua em aula de Latim⁸.

de 1937. Atualmente elas estão no arquivo da *Presbyterian Historical Society* (PHS) na cidade da Filadélfia-EUA.

⁵ São três as biografias sobre George Butler, *A Bíblia e o Bisturi*, de Edijéce Martins (em três edições: 1976, 1987, 2007), *O Padre Cícero Protestante*, de Rodrigues e Clementino (2015) e uma dissertação de mestrado de autoria de David Gueiros Vieira, intitulada, *A Historical Study of the Missionary Work of Dr. George W. Butler and an Analysis of his Influence on Brazil*, defendida em 1960 na Universidade de Richmond nos Estados Unidos.

⁶ Mais conhecida no Brasil como “Igreja do Sul”, a *Presbyterian Church in the United States* (PCUS) era sediada em Nashville, estado do Tennessee-EUA. O órgão missionário desta igreja que enviou o casal Butler foi o *Executive Committee of Foreign Mission*, conhecido no Brasil como o Comitê de Nashville.

⁷ Joan Scott foi-nos uma inspiração para pensar a categoria gênero na análise das fontes históricas e da memória de uma instituição protestante, levando-nos a procurar “encontrar as maneiras como o conceito de gênero legítima e constrói as relações sociais [...] e a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (1995, p.89).

⁸ Depoimento de Rena Butler Latham enviado ao biógrafo Edijéce Martins. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bíblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS.

Eles se casam cinco dias após a ordenação de George Butler para ser enviado como missionário ao Brasil, ela com vinte e dois anos de idade e ele com cerca de trinta anos. A notícia no *The Missionary* de maio de 1884 conta sobre essa agitada semana do casal e o surgimento de um imprevisto na saída para o Brasil:

Na noite de domingo de 23 de março, depois de ter passado pelos exames ordinários, ele [o Dr. Butler] foi ordenado para o trabalho integral do ministério pelo Presbitério de Maryland [...]. Ele uniu-se em casamento à Miss Humphrey, de Goldsboro, Carolina do Norte, na quinta-feira seguinte. Eles esperavam navegar para o Brasil no vapor que deixou Newport News no sábado, 29 de março, mas ele foi atacado com febre de malária nesse ínterim, e foram obrigados a adiar sua viagem para o próximo navio a vapor, que sai por volta de 22 de abril.⁹ (apud VIEIRA, 1960, p. 38)

É importante percebermos nessa notícia a proximidade no tempo e o vínculo simbólico que há entre a ordenação, o casamento e a viagem imediata para o Brasil. As duas cerimônias compõem um conjunto de valores que permeiam o grupo religioso protestante e que, de certa forma, complementam-se na produção da legitimidade de um agente eclesiástico mandado a outras terras. Era comum os missionários das Igrejas norte-americanas serem enviados com suas esposas para as missões estrangeiras. Casar-se antes de ir ao trabalho missionário era mesmo incentivado como forma de preservar moralmente (senão, racialmente) o missionário de envolvimento amoroso ou sexual com as mulheres “nativas” do campo de trabalho.

As representações sobre Mary Rena e, conseqüentemente, sobre o papel social atribuído às mulheres, vão se amoldando à perspectiva da esposa e seu trabalho como baluarte do marido e coadjuvante de uma missão que é, em si, maior que ela: a missão do próprio marido. Percebamos que, nas notícias (como a anteriormente citada) e registros institucionais, é dele que se trata: *ele* é ordenado e é *ele* que une-se em matrimônio. É dele que se trata aquela história.

Conjuntamente a essa ideia de submissão feminina já consolidada na estrutura religiosa protestante, as mulheres nesse período começam a reivindicar um lugar mais ativo na expansão missionária, para além das funções domésticas que elas eram

⁹ “On Sabbath evening of the 23rd of March, after having gone through the ordinary examinations, he [Dr. Butler] was ordained to the full work of the ministry by the Maryland Presbytery...He was united in marriage to Miss Humphrey, of Goldsboro, North Carolina, on Thursday following. They expected to sail for Brazil on the steamer which left Newport News on Saturday, the 29th of march, but he was attacked with malaria fever in the meantime, and they were compelled to delay their sailing for the next steamer, which leaves about the 22nd of April”. Todas as traduções deste artigo são dos autores.

próprias e naturalizadas. Passados os anos de 1860, surge no meio protestante, impulsionada pelo movimento das sufragistas, a figura de Elisabeth C. Stanton que, ao final do século XIX, radicaliza a crítica ao androcentrismo bíblico pela publicação da Bíblia da Mulher, em 1895. A historiadora Elizete da Silva destaca alguns aspectos do programa do movimento biblista de Stanton:

Quanto ao silêncio que as mulheres deveriam manter no templo e a proibição de serem ordenadas, discordavam dizendo que as instituições eclesiásticas tinham parado no tempo [...]. Estranhavam, ainda, que a igreja proibisse assunção do púlpito pelas mulheres, mas que eram estas que sustentavam o ministério pastoral, os salários e o suporte material que permitiam o crescimento das instituições eclesiásticas. (SILVA, 2015, p. 169)

Frisamos, com isso, as tensões existentes sobre a mulher e os papéis sociais aceitos e requeridos em seu tempo, mesmo no interior dos movimentos religiosos. Espaços como os púlpitos e o direito a salários, principalmente por elas serem contribuintes e responsáveis pelo sustento financeiro e material de igrejas e missões, eram representativos da disputa pelo lugar e poder de fala requeridos pelas mulheres.

Contudo, ainda que reivindicações como as de Stanton não tenham sido acolhidas especificamente por esse grupo religioso, não há como desconsiderar que houve negociações e adaptações em novos momentos históricos. As funções requeridas e aceitas para as mulheres casadas no ambiente religioso presbiteriano de idos do século XIX nos Estados Unidos toleravam (com ressalvas) uma extensão do espaço doméstico em suas funções, como a música e a educação, estas vistas como ações de vanguarda para o trabalho da mulher em frentes de missões protestantes. Assim, as esposas passaram a ser vistas como parte importante do trabalho do marido missionário, inclusive nas atividades litúrgicas, como musicistas, professoras de mulheres ou crianças, dentro ou fora da igreja (escolas protestantes), ou ainda enviando relatórios à igreja nos Estados Unidos durante as longas e constantes ausências dos maridos em peregrinações missionárias – o que do ponto de vista institucional, ressalte-se, não deixava de ser um aproveitamento de mão-de-obra não remunerada.

Essas habilidades foram encontradas por George Butler em Mary Rena antes mesmo do casamento, segundo observa Edijéce Martins (2007). Este, um dos biógrafos de George Butler, afirma que o então recém-formado médico, aspirante às missões no Brasil e conhecedor das qualidades de professora e musicista de sua ex-

aluna, identificou nela a “auxiliadora ideal” para um médico e pastor (MARTINS, 2007, p. 29). Ou seja, por esta narrativa, o interesse de George por Rena compreendia a função utilitarista dessa união em consonância com seus projetos de dedicar-se ao trabalho missionário. Ela seria, portanto, segundo este autor, um bom instrumento de trabalho a se juntar às habilidades de um médico missionário, agregando áreas de ação extras em campo.

As tensões e as representações em disputa sobre o papel feminino no grupo religioso vão acompanhar bem de perto as experiências de Rena Butler no Brasil e o sentido de sua memória para o grupo, mesmo após o falecimento de George Butler, sendo solicitada a escrever e testemunhar várias vezes sobre a vida do marido como missionário. Ou ainda no século XXI, em construções representativas da memória institucional como a narrativa escrita por Martins (2007), anteriormente citada.

Porém, a vida de missionária parece não ter sido o projeto que a família tinha para Rena Humphrey. Conforme o depoimento de sua filha, inicialmente os familiares, especialmente a mãe de Rena, não permitiram aquele casamento que significaria deixar a filha mudar-se para o Brasil com um médico recém ordenado missionário: “mas minha avó havia dito ‘não’ – a ideia de que mamãe estivesse indo tão longe (a viagem pelo oceano ao Brasil naquela época demorava vinte e sete dias) foi conturbadora”¹⁰. O fato de ter ficado na memória que sua avó não queria que Rena fosse para “tão longe” é um indício de que ser missionária não estava no horizonte de vida da jovem Rena Humphrey, pois não era uma ideia para a qual a família já estivesse de alguma forma preparada.

É possível mesmo que a vida missionária permanecesse ao longo do tempo sendo algo mais do marido do que dela. Já no final da vida, escrevendo uma carta ao historiador David Gueiros, Rena Butler tenta contestar uma informação dada por Cecília Siqueira, mas parece confirmá-la:

Ela [Cecília Siqueira] viveu conosco por dez anos e sabe que eu nunca quis que o Dr. deixasse seu trabalho no Brasil. Na verdade, eu teria

¹⁰ “... but Grandmother had said ‘No’ – the idea of Mother’s going so far away (the ocean voyage to Brazil at that time took twenty-seven days) was upsetting”. Depoimento de Rena Butler Latham enviado ao biógrafo Edijéce Martins. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bíblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS.

medo de sugerir isto. Com medo de que sabendo e ajudando no bom trabalho que ele estava fazendo, Deus me puniria de forma severa¹¹.

Assim, embora assegure que nunca quis que o marido deixasse o seu trabalho no Brasil, deixa transparecer que cogitou isto e só não o fez por medo de receber um castigo divino. Sua percepção era de que *ele* estava fazendo um “bom trabalho” e ela apenas o “ajudando”. É um depoimento revelador de que, em algum momento, sua consciência esteve dividida entre a obrigação (social/religiosa) de ser “ajudadora” da missão do marido e o desejo de não mais continuar com aquele estilo de vida, ou investindo ali (e nele) o seu próprio trabalho.

O início da vida missionária

Recém-casados, eles chegaram ao Brasil em 1884. Após um primeiro ano de adaptação em Pernambuco, George Butler foi designado para abrir um trabalho missionário no Maranhão. Rena Butler, em uma de suas cartas sobre a biografia do marido, lembra esta atribuição como resultado de uma pressão dos outros missionários, sem que ele tivesse muitos motivos para se alegrar com a escolha, e permite entrever certo amargor em relação a eles: “ele escolheu como seu campo o Maranhão, a dois graus do Equador, porque ninguém mais queria ir para um lugar quente deste jeito”¹², ainda mais por todos saberem que ele “sofria tão intensamente dos seus olhos”¹³.

Rena e George Butler chegaram ao Maranhão com o filho, George Edwin Butler, tendo alguns meses de vida. São Luís, a capital da província – sempre chamada, nos relatórios dos missionários, como “Maranhã” ou “cidade do Maranhão” – passava pela efervescência da transição republicana. Havia uma luta renhida entre facções de diferentes matizes políticas, econômicas e ideológicas pela reorganização do estado imperial em crise, nas quais as próprias disputas religiosas

¹¹ “She lived with us for ten years and know that I never wanted Dr. to leave his work in Brazil. In fact I would have been afraid to suggest it. Afraid, that knowing and helping in the good work he was doing, God would punish me in some severe way”. Carta de Rena Butler a David Gueiros, escrita de Charlotte, Carolina do Norte, em 2 de março de 1952. Arquivo de David Gueiros Vieira.

¹² “he selected as his field the state of Maranhão, two degrees from the Equator, because he said no one else would want to go to such a hot place”. Dr. George Butler by Mrs. Butler, s/d, p. 2. Arquivo da Presbyterian Historical Society, RG 360, series III

¹³ “has suffered so intensely from his eyes”. *The Missionary*, abril de 1884, editorial: “Monthly Review”.

pelo espaço público, especialmente entre católicos e protestantes, entraram em cena¹⁴.

Em seu primeiro relatório sobre o Maranhão, Rena Butler descreve assim as procissões da quaresma em São Luís:

Procissões são a ordem do dia. Durante a quaresma, há uma toda sexta-feira. Às vezes é uma imagem de Cristo, algumas de um santo, porém mais frequentemente da Virgem Maria [...].As ruas, janelas e varandas estão lotadas de pessoas, e quando a 'Hóstia' passa, todos dobram seus joelhos e fazem o sinal da cruz [...].Eu sempre em pé à inteira vista do povo, de maneira que eles podiam ver que eu não me curvei nem fiz o sinal da cruz para a 'Hóstia'. Como eles me encararam, e quão surpreso parecia alguns deles!¹⁵

Esta narrativa nos permite perceber a frequência do ritualismo coletivo católico no espaço público da cidade e a mobilização social que o rito oportunizava. Rena se coloca na cena e percebe a forma como os participantes do rito reagiram a sua ausência de gestos, evidenciando o sentimento do desencontro e estranhamento cultural de ambos.

Nesse sentido, vale também reproduzir por completo um trecho em que ela tenta explicar aos seus leitores a fé dos maranhenses em São Benedito:

Este santo, vocês precisam saber, é preto, e quando na terra, era um cozinheiro de vários padres. Sendo incomumente de bom coração, ele roubava comida da cozinha e dava aos pobres na vizinhança. Quando os padres perguntavam o que ele levava toda noite na sua cesta, ele respondia: 'só algumas flores'. Por último, um dos padres encontrou-o com sua cesta de comida roubada, e ordenou-o abri-la que ele deveria ver o que ela continha. Temendo desobedecer, com medo de ser descoberto, ele abriu a cesta, quando, olhe! Um milagre tinha se realizado, e a comida transformada em flores. Então, vejam vocês que eles fazem mérito de um mentiroso e ladrão; pois que maior benção poderia um Romanista esperar para receber do que ser um santo, e ser cultuado por todas as gerações seguintes.¹⁶

¹⁴ Para uma análise mais detida destes conflitos e do papel do protestantismo na transição para a república no Maranhão, remetemos à leitura do II capítulo da tese de Rogério de Carvalho Vêras (2018).

¹⁵ "Processions are the order of the day. During lent there was one every Friday. Sometimes it is an image of Christ, sometimes a saint, but more frequently the Virgin Mary" [...] The streets, windows and verandas are filled with people, and when the 'Host' passes, all go down their knees and cross themselves [...] I always stand in full view of the people, so that they may see I do not bow or cross myself to the 'Host'. How they do stare, and how surprised some of them seem!" *The Missionary*, agosto de 1886, p.118 e 119.

¹⁶ "This saint, you must know, is black, and when on earth was a cook for a number of priests. Being unusually kindhearted, he stole food from the kitchen and gave it to the poor in the neighborhood.

E conclui: “Quando você argumenta com eles, dizendo que eles estão adorando um mentiroso e ladrão, e mostra a eles que somente Cristo tem poder para salvar, eles dizem que o culto aos santos é a religião de seu país, a religião de seus pais, e é boa o bastante para eles”¹⁷.

Estas impressões sobre a religião dos brasileiros são comuns aos protestantes norte-americanos chocados com o que chamavam de “idolatria” e “paganismo” das celebrações católicas no Brasil. A incompreensão e o etnocentrismo de Rena Butler expressa também como os missionários estadunidenses, ao escrever para seus compatriotas protestantes, esforçavam-se por persuadi-los de que as necessidades espirituais no Brasil eram tão “chocantes” quanto em países “pagãos” da África e Ásia¹⁸.

Um momento importante da carreira missionária do casal no Maranhão foi a construção do templo presbiteriano de São Luís em 1886. Nas memórias de Rena Butler, a construção do templo em São Luís ocorreu sob as orientações dos aliados locais e, pelo pioneirismo da realização, seria um marco na carreira do marido:

Durante a sua vida no Brasil, o Dr. Butler abriu sete campos, e o Maranhão era o único em que não havia uma terrível perseguição. Durante seus oito anos de permanência no Maranhão, ele teve a honra de construir a primeira Igreja Protestante no Brasil. Foi durante o tempo do Império e ele não poderia obter permissão para construir uma igreja; mas depois de muita demora e ajuda de nossos Cônsules, ele foi autorizado a "erguer um edifício sem sino ou torre e sem a aparência exterior de um templo". Esta igreja foi construída sem ajuda dos Estados Unidos.¹⁹

When the priests enquired what he took away each evening in his basket, he would reply: “Only a few flowers”. At last one of the priests met him with his basket of stolen food, and ordered him to open it that he might see what it contained. Fearing to disobey, and dreading discovery, he opened the basket, when, behold! A miracle had been wrought, and the food changed to flowers. So you see they make a merit of a lying and stealing; for what greater blessing could a Romanist hope to receive than being a saint, and worshipped by all succeeding generations”. *The Missionary*, agosto de 1886, p.118 e 119.

¹⁷ “When you remonstrate with them, tell them they are worshipping a liar and thief, and how them that Christ alone has power to save, they say saint-worship is the religion of their country, the religion of their fathers, and is quite good enough for them”. *The Missionary*, agosto de 1886, p.118 e 119

¹⁸A América Latina, no século XIX e início do XX, era frequentemente preterida pelas agências missionárias na distribuição de recursos em relação aos campos da África e da Ásia (PIEDRA, 2006). Havia no protestantismo anglo-saxão da segunda metade do século XIX uma crescente ideia de que o catolicismo seria uma descaracterização do verdadeiro cristianismo, mas ainda havia discordantes dessa postura anticatólica – esta defendia que América Latina deveria ser considerada como cristã, portanto, fora dos objetivos missionários mundiais das Igrejas Protestantes –, a ponto de essa questão ser polemizada em dois Congressos Mundiais no início do século XX, Edimburgo (1910) e do Panamá (1916), pendendo a balança negativamente aos católicos. (MENDONÇA, 1995, p. 64).

¹⁹ “During his life in Brazil Dr. Butler opened seven fields, and Maranhão was the only one where there was no distressing persecution. During his eight years stay in Maranhão, he had the honor of building

Em um testemunho para consagrar a memória do marido, Rena Butler procurou destacar apenas a ação dele e o seu pioneirismo – embora, o templo do Maranhão não tenha sido a primeira Igreja Protestante no Brasil²⁰. A linguagem da memória diz mais sobre o significado dessa construção do que sobre correção histórica: em primeiro lugar como um ineditismo somente entre os missionários de sua instituição enviados ao Nordeste do Brasil, em segundo, pela lembrança do sacrifício que toda a comunidade dispendeu nesta obra “construída sem ajuda dos Estados Unidos”.

E, nesse sentido, Rena Butler teve um papel fundamental levantando recursos para a construção, algo que irá se repetir mais adiante em Pernambuco. É George Butler, em um dos seus relatórios, que nos dá pistas para identificar os reflexos de sua ação e de outras mulheres nesta construção: “Nossa congregação é muito pobre, mas nossos homens jovens, nos dias santos e feriados (os quais são muitos no Brasil), dão o trabalho de suas mãos, e as mulheres dão um dia a cada semana”²¹.

Esse trabalho das mãos das mulheres possivelmente refere-se a uma sociedade de costura organizada ali, e podemos deduzir também a liderança de Rena Butler nessa sociedade. As costureiras da comunidade teriam sido fundamentais não só na construção do edifício, mas na própria manutenção da igreja e dos seus projetos: “Nossa igreja contribui mensalmente com dez dólares para os pobres e apoia inteiramente um missionário nativo no interior [...]. Nossa sociedade de costura tem dinheiro disponível para outros propósitos.”²²

Percebamos como a iniciativa dessas mulheres remete ao protagonismo delas já de muito demonstrado por movimentos feministas no interior das igrejas protestantes norte-americanas desde meados do século XIX. Apesar de longe da prédica, ou mesmo da memorialística construída *a posteriore* – o protagonismo da construção do templo é dado a George Butler – são as mulheres com seu trabalho

the first Protestant Church in Brazil. It was during the time of the Emperor and he could not get permission to build a church; but after much delay and help from our Consuls, he was allowed to ‘erect an edifice without bell or tower and without the exterior appearance of a temple’. This church was built without help from the States”. Dr. George Butler by Mrs Butler, s/d, p.2 e 3, Arquivo da PHS, RG 360, series III, p. 2

²⁰ O templo do Maranhão foi construído em 1886, depois dos templos do Rio de Janeiro (1874), Campinas (1878) e São Paulo (1884), e muitos outros foram construídos no sudeste do país no mesmo ano de 1886 (LESSA, 2010, p. 230).

²¹ “Our congregation is very poor, but our young men, on all saint days and hollidays, (of which there are many in Brazil,) gave the labor of their own hands, and the women gave one day of each week”. *The Missionary*, outubro de 1887, p. 48.

²² Our church contributes about ten dollars monthly for the poor, and, entirely supports a native missionary in the interior [...]. Our sewing society has money on hand for other purposes.” *The Missionary*, janeiro de 1891, p. 32.

(um dia por semana!) e dinheiro que mantêm a vida eclesiástica, suprindo as necessidades financeiras e materiais da comunidade.

Rena e George Butler atuaram no Maranhão de 1885 a 1892; nasceram-lhes dois filhos ali, depois tiveram gêmeos que morreram recém-nascidos. Sobre este acontecimento encontramos George Butler falando sobre a perda de um dos filhos:

Depois de escrever-lhes pela última vez [janeiro de 1891], o Senhor nos deu garotinhos gêmeos, mas desde então levou um deles a viver com ele na glória, tendo deixado o pequeno peregrino ficar com a gente apenas o suficiente para entrelaçar-se completamente nos nossos corações²³.

Apesar da discrição dos escritos de George Butler e de infelizmente não termos o registro da voz e sentimentos de Rena Butler, é possível perceber que esta perda foi vivida com muito pesar e com o sentimento do vazio do coração pelo casal e, ainda que se tentasse não transmitir a dor nos relatos institucionais, não é difícil nos depararmos com ela nas palavras que nos alcançaram.

Outras experiências são registradas nos relatórios escritos por George Butler mostrando pontualmente a intervenção de Rena no trabalho e decisões do marido no Maranhão. Contudo, sua ação foi mais contundente em Pernambuco, onde sua trajetória pôs em questão as relações de gênero e as representações dominantes sobre as funções de uma “esposa de missionário”.

Rena Butler e a presença protestante no espaço público

Em uma de suas cartas biográfica sobre o falecido esposo, Rena Butler lembrado ano de 1895, ano do difícil começo da missão no interior pernambucano, e compara-o ao resultado do trabalho médico-missionário do marido:

Nossa primeira viagem ao interior de Pernambuco foi, para mim, uma humilhação, angústia e raiva. Assim que entramos no trem, um telegrama foi enviado para todas as estações ‘Os Bodes estão chegando, prepare-se para eles’. Assim que o trem parou, as multidões se reuniam, chamando-nos de todos os horríveis nomes insultantes conhecidos em português – mirando-nos pela janela e nos ameaçando de morte [...]. Anos depois, havia outro telegrama enviado

²³ “After I last wrote you [janeiro de 1891] the Lord gave us little twin boys, but has since taken one of them to live with him in glory, having let the little pilgrim tarry with us just enough to thoroughly entwine himself into our hearts”. *The Missionary*, novembro de 1891, p. 439

de estação para estação. Desta vez era, ‘O Médico está a bordo, traga seus doentes’.²⁴

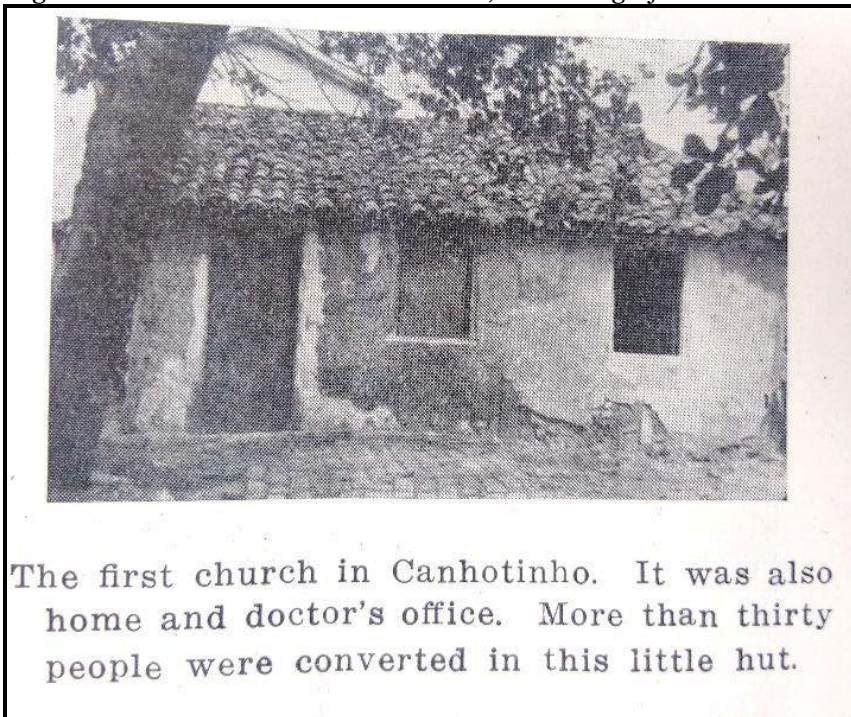
Dois anos depois de estabelecidos em Garanhuns, o casal transfere-se para a vizinha Canhotinho, onde a recepção também não foi tranquila: “O hotel não nos receberia, e ninguém no lugar nos alugaria uma casa”²⁵. A primeira moradia da família foi “em uma pequena cabana de adobe com três salas e um chão de terra [...]. Dr. Butler usou a sala da frente para sua clínica durante o dia e à noite cinco bancos rudes eram empurrados e o lugar tornava-se um salão de pregação”²⁶.

²⁴ “Our first trip to the interior of Pernambuco was, for me, one of humiliation and distress and anger. As soon as we got on the train a telegram was sent to every station “The Bodes are coming, get ready for them”. As soon as the train stopped, crowds would gather around, calling us every horrible insulting name known in Portuguese – leering at us through the window and threatening us with death [...]. Years after there was another telegram sent from station to station. This time it was, “The Doctor is on board, bring your sick folks””. Concerning Dr. Butler’s work by Mrs. Rena Butler. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bíblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS.

²⁵ “The hotel would not receive us, and no one in the place would rent us a house.” Mountains were removed by Mrs. Butler. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bíblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS.

²⁶ “in a little adobe hut with three rooms and a dirt floor [...]. Dr. Butler used the front room for his clinic in the day and at night five rude benches were pushed in and the place became a preaching hall.” Ibid.

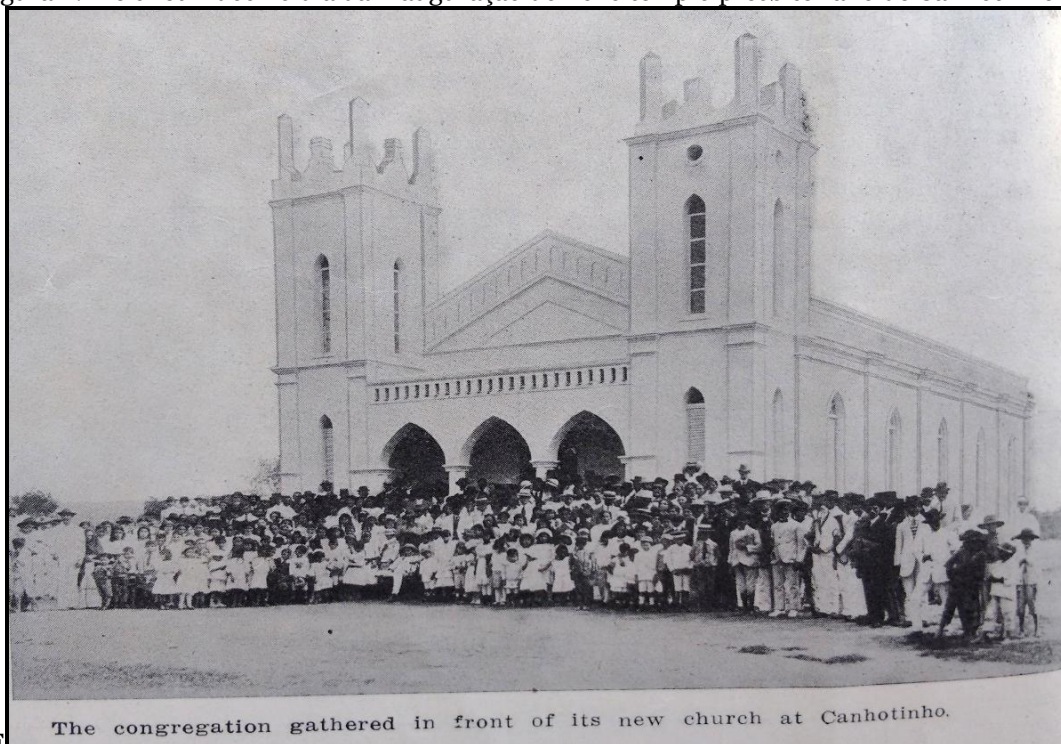
Figura 1: Primeira residência dos Butlers, clínica e igreja em Canhotinho



Fonte: *The Missionary Survey*, jan. 1916, p. 19

Em 1916, a revista *The Missionary Survey* publica uma foto dessa primeira casacom o objetivo de confrontar com a reinauguração do templo presbiteriano naquele ano, quase 20 anos depois da chegada da família à cidade, como expressão do sucesso da missão no interior pernambucano.

Figura 2: Fiéis reunidos no dia da inauguração do novo templo presbiteriano de Canhotinho-



PE

Fonte: *The Missionary Survey*, jan. 1916, p. 20

A construção desse templo – cuja arquitetura lembra a de um castelo com suas imponentes torres – oportuniza tratarmos do papel de Rena Butler nessa missão; alguém que inicialmente se descreveu com sentimentos de “humilhação, angústia e raiva” ao adentrar o interior pernambucano, mas que, pouco tempo depois, fez da sua presença e ação também a garantia do sucesso da missão, especialmente no processo de legitimação e visibilização do protestantismo na cidade de Canhotinho.

A história da construção desse templo, narrada pela filha do casal, revela o desejo dos fiéis em construir o seu lugar de culto e a importância de sua mãe nesse empreendimento:

À medida que os crentes cresciam em número, eles começaram a planejar uma verdadeira igreja santuário. Posteriormente, papai deu o tempo que ele poderia dispensar para ajudar os trabalhadores com a construção. Mamãe ajudou a arrecadar fundos para este muito necessário edifício da igreja. Tendo aprendido enquanto menina a ordenhar, ela comprou uma vaca, ordenhou ela mesma, vendeu o leite e transformou o produto para comprar a argamassa para a igreja. A necessidade de dinheiro era aguda; então, como mamãe dizia, ela

acabou por ‘ter que vender a vaca também para pagar por mais argamassa’.²⁷

Figura 2: O casal Butler em 1901



Fonte: *The Missionary*, nov. 1901, p. 501

Figura 3: Rena Butler



Fonte: Arquivo PHS

O que chama atenção nessa memória é o papel atribuído a cada cônjuge nesta empreitada: ao pai, a dedicação de seu tempo e mão de obra, já costumeiramente franqueada nas construções anteriores; à mãe, o desprendimento e entusiasmo em empreender e angariar os fundos necessários. Foi nesse contexto que surgiu o comércio de flores, não como algo casual, mas como a sequência de uma busca feita por Rena Butler para ser bem sucedida no projeto de construção de um templo protestante na cidade.

Opção que continha certos riscos e conflitos com a própria instituição à qual pertenciam. A memória de Rena Butler deixa transparecer essas tensões, de modo que ela teve de pedir permissão para continuar tal atividade econômica ao lado das atividades religiosas, justificando a necessidade de manter a educação dos filhos nos Estados Unidos:

Nossos dois filhos estavam começando sua educação profissional sem dinheiro suficiente para completá-la. Eu escrevi ao Comitê, contendo de nossa dificuldade e pedi para permitirem continuarmos com a

²⁷ “As the crentes grew in numbers, they began to plan for a real church sanctuary. Subsequently, Father gave what time he could spare to help the labors with the construction work. Mother assisted in raising funds for this much need church building. Having learned as a girl to milk, she bought a cow, milked her herself, sold the milk and turned the proceeds over to buy the mortar for the church. The need for money was acute; so, as Mother put it, she eventually “had to sell the cow also to pay for more mortar.” Depoimento de Rena Butler Latham. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bíblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS

venda de orquídeas até os rapazes terminarem. Eles deram seu consentimento, e ambos rapazes foram graduados pela Universidade de Maryland.²⁸

Seu esforço em escrever ao Comitê evidencia que seu trabalho era uma fonte imprescindível para o sustento familiar e mesmo para a manutenção dos filhos nos Estados Unidos. Por outro lado, mostra que o Comitê tinha dificuldades em lidar com a autonomia financeira dos Butlers e com o peso financeiro de Rena Butler naquele trabalho missionário. Apesar disso, ele reconhecia que não tinha como manter seus missionários no campo, daí “consentia” pela continuidade da venda de orquídeas.

A relação com as orquídeas começou tão logo a família chegou a Garanhuns. Já no seu primeiro relatório sobre o novo campo, George Butler descreve várias características físicas, econômicas e culturais da região e dá destaque às orquídeas como parte do plano de construção de uma igreja em Garanhuns:

Batatas, ervilhas inglesas e morangos crescem aqui, e as matas estão cheias de orquídeas. Tivemos orquídeas florindo por oito meses, e isso pode dar uma ideia da grande variedade delas para manter uma floração tão constante. Nós vendemos orquídeas para ajudar a construir uma igreja aqui.²⁹

Ainda segundo nos informa Rena Butler: “após a República, ele construiu a igreja em Recife, iniciou a de Garanhuns e construiu duas em Canhotinho, chamando-a ‘Igreja das Orquídeas’ que ficou muito pequena e me presenteou.”³⁰. É difícil imaginarmos o que significava para Rena Butler lembrar dessa homenagem nos anos da sua viuvez, mas sem dúvida ela marcou indelevelmente sua memória.

Mais uma vez é o testemunho de sua filha que nos deixa uma mostra dessa persistente memória: “Havia outra igreja na qual ouvia a mamãe falar com frequência,

²⁸ “Our two sons were beginning their professional education with not enough money to get through. I wrote to the Committee, told them of our difficulty and asked to be allowed to continue the sale of orchids till the boys finished. They give their consent, and both boys were graduate from the University of Maryland”. Dr. George Butler by Mrs Butler, s/d, p.2 e 3, Arquivo da PHS, RG 360, series III.

²⁹ “Potatoes, English peas, and strawberries are grown here, and the woods are full of orchids. We have had orchids in bloom for eight months, and this may give you some idea of the great variety of them to keep up such a constant flowering. We sell orchids to help build a church here”. Beginnings at Garanhuns. *The Missionary*, novembro de 1895, p. 514.

³⁰ “After the Republic he built the church in Recife, began the one in Garanhuns and built two in Canhotinho call the Orchid Church which became too small & present me”. Carta de Rena Butler a David Gueiros, escrita de Charlotte, Carolina do Norte, em 2 de março de 1952. Arquivo de David Gueiros Vieira.

referindo-se a ela como a ‘igreja das orquídeas’, mas não lembro onde ela estava localizada”³¹. A filha não lembra que se refere à igreja de Canhotinho, mas lembra que ouvia frequentemente a mãe falar da “Igreja das Orquídeas”. Ou seja, foi uma memória que se formou após a morte de George Butler, quando a família já vivia nos Estados Unidos e Rena Butler ia tecendo as memórias em meio às cartas enviadas para sua antiga instituição missionária e aos pesquisadores que a procuravam.

A construção dessas fontes merecem uma análise mais detida. Apesar dos registros, tanto de George quanto de Rena Butler, frequentemente apontarem para uma atividade econômica dele, no máximo do casal, as memórias da filha não deixam esquecer quem, de fato, estava à frente do trabalho, justificando a homenagem do marido.

Ela [Rena Butler] fez grandes contribuições também para a construção desta igreja [Igreja das Orquídeas] da venda de plantas de orquídeas, que eram muito abundantes sobre o campo, para uma empresa na cidade de Nova York. Ela contratou e comprou uma certa quantidade delas a cada semana para enviar aos Estados Unidos. Ela as classificava como elas vinham, contando as folhas para se certificar de que elas tinham pelo menos o mínimo de sete que tinha sido especificado pelo importador de Nova York, e embalados entre camadas de lascas de madeira em grandes caixas de madeira para embarque. Sendo muito raras, as orquídeas brancas vendidas a U\$ 100 [cem dólares] por planta até então. Era principalmente a variedade roxa cattalay [*sic*], tão abundante no norte do Brasil, que a mãe vendia.³²

Pela riqueza de detalhes sobre o trabalho da mãe, fica patente que a exportação de orquídeas era uma atividade comandada por Rena Butler. Assim, homenagear a esposa não significava apenas um gesto de carinho e companheirismo por parte de George Butler, foi sobretudo o reconhecimento, ainda que tímido, de que sem o trabalho dela, com a exportação de orquídeas, a obra não seria possível.

³¹ “There was another church which I heard Mother speak of often, referring to it as the ‘orchid church’, but I do not remember where it was located”. Depoimento de Rena Butler Latham. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Bibliae o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS

³² “She [Dna. Rena] made large contributions also toward the building of this church [Orchid Church] from the sale of orchid plants, which were very plentiful over the countryside, to a firm in New York City. She engaged and bought a certain quantity of them each week to ship to the State. She assorted them as they came in, counting the leaves to make sure they had at least the minimum of seven that had been specified by the New York importer, and packed them between layers of excelsior in large wooden boxes for shipment. Being very rare, the white orchids sold for \$100 a plant even then. It was mostly the purple cattalay [*sic*] variety, so abundant in northern Brazil, that Mother sold”. Depoimento de Rena Butler Latham. Pasta Dr. George Butler, correspondence, notes, and other material related to A Biblia e o Bisturi. RG 496-15-4. Acervo PHS.

Dizemos de um reconhecimento tímido porque essa homenagem não foi suficiente para produzir uma memória institucional que ressaltasse o protagonismo de Rena Butler. Com efeito, para a memória institucional, legitimadora de representações do poder masculino, tal protagonismo constitui um incômodo ao monopólio androcêntrico do poder. Do mesmo modo, os testemunhos da época estavam impregnados pelas relações de gênero dominantes, atribuindo a exportação das orquídeas a um empreendimento dirigido por George Butler. É o que vemos, por exemplo, no relato da missionária Eliza Reed:

Voltando aos dias em que os crentes estavam machucados, desanimados, expulsos de suas casas e sem emprego por causa do evangelho; quando houve grande sofrimento, febre, pestilência e fome; sem remédio ou comida para os doentes, nenhum lugar para cuidar deles, nenhum lar para o missionário, nenhum edifício da igreja onde eles poderiam se reunir e adorar juntos, e nenhum dinheiro para atender a alguma dessas exigências, um comerciante, exportador e importador americano no Brasil, ofereceu-se para ajudar o Dr. Butler a vender algumas orquídeas em Nova York. Isso deu trabalho e meios de subsistência aos crentes desempregados e trouxe o dinheiro para construir a casa, a farmácia, a casa dos doentes, o edifício da igreja, comprar instrumentos cirúrgicos, sustentar alguns pastores nativos, apoiar e continuar este ramo do nosso trabalho missionário. O plano não era apenas único em sua criação, mas traz o selo da aprovação e bênção de nosso Senhor.³³

Dessa forma, Eliza Reed faz um importante registro de como a atividade de exportação das orquídeas abriu novo campo de trabalho, inclusive da missão médica, alargando as possibilidades de sustento não só para a família Butler, mas também para toda a comunidade de fiéis. Porém, o protagonismo de Rena Butler nessa empresa familiar é ocultado. Esta omissão pode ter sido uma forma naturalizada, por parte da missionária Reed, de reproduzir os papéis esperados para as esposas de missionários dentro da instituição, ou seja, o de auxiliadora do marido, sem atribuir nenhum protagonismo às ações dessas mulheres; ou, por outro lado, uma forma deliberada (atendendo coerções sociais e institucionais) a fim de que ela não

³³ “Away back in the days when the believers were hurt, discouraged, turned out of their homes and without employment because of the gospel; when there was great suffering, fever, pestilence, and famine; no medicine or food for the sick, no place to care for them, no home for the missionary, no church building where they could meet and worship together, and no money to meet any of these demands, an American merchant, exporter and importer in Brazil, offered to help Dr. Butler to sell some orchids in New York. This gave work and livelihood to unemployed believers and brought in the money to build the home, the drug store, the house for the sick, the church building, to buy surgical instruments, sustain some native pastors, support and continue this branch of our mission’s work. The plan was not only unique in its inception, but bears the seal of our Lord’s approval and blessing.” *The Missionary*, agosto de 1908, p. 390.

expusesse Rena ao constrangimento de ser considerada uma mulher fora dos padrões aceitáveis aos membros das igrejas enviadoras, leitores finais dos relatos missionários.

Evidentemente, as tradicionais relações de gênero se estendiam para além dos agentes religiosos. A sociedade brasileira, especialmente nos rincões dos sertões, com suas tradicionais clivagens e exclusões de gênero, raça e classe social, reforçou as tendências de desigualdade de gênero das agências missionárias, incorporadas às práticas e relações de poder no interior das igrejas protestantes, como observou Elizete da Silva:

Marcada pelo escravismo ou resquícios escravistas, a sociedade brasileira no período estendeu às relações homem/mulher, a dominação e o autoritarismo peculiares em intercursos sociais construídos em torno da desigualdade. O espaço público era preferencialmente o domínio masculino, enquanto o espaço privado da casa reservava-se exclusivamente às mulheres, concebidas como seres inferiores que precisavam sempre da tutela masculina. (SILVA, 2015, p. 170)

O silenciamento feminino significava de fato que na igreja repetia-se a misoginia da sociedade circundante, que alijava a mulher das instâncias políticas e deliberativas, inclusive negando-lhe o voto. Parafraseando Michelle Perrot, dir-se-ia que na história do protestantismo e no presente, a questão do poder, de quem tem a competência para deliberar e administrar, está no centro das relações entre homens e mulheres (SILVA, 2015, p. 187)

O exemplo de Rena Butler, todavia, é de uma mulher que não foi meramente uma sombra do trabalho do marido, ainda que as representações construídas a seu respeito insistam em coloca-la à margem, ou mesmo a suprimi-la. De fato, o seu trabalho com as orquídeas em boa parte sustentou economicamente a missão, o ministério e mesmo a atividade médica de George Butler, além de prover a educação profissional dos filhos e oferecer uma oportunidade de emprego e sustento a várias famílias de fiéis da igreja.

Rena Butler: um exército em si mesma

Além de empreender no ramo de exportação de orquídeas, Rena também atuou nas atividades eclesiais, assumindo o protagonismo do ensino da doutrina não só das crianças, como também de novos convertidos e de adultos, muitos destes

necessitando aprender primeiramente a ler. Foi assim com Manoel Vidal dos Santos e Jerônimo Gueiros, jovens de duas famílias importantes que se aliaram e protegeram o casal missionário em Garanhuns e Canhotinho.

Sobre Manoel Vidal, diz Rena Butler, “foi o primeiro convertido. Este jovem ficou junto a mim no órgão e liderou o coro por quinze anos, leu o Novo Testamento através de mim e recitava perfeitamente o Breve Catecismo”³⁴. Quanto a Jerônimo Gueiros, a imagem de sua memória é significativa da relação que ela construiu com os novos fiéis: “Ele estava constantemente em nossa casa e é como um filho para mim. Na verdade, fui eu quem ensinou o uso de uma concordância. Isso foi uma maravilha para ele que ele me manteve ocupada mesmo depois da meia-noite mostrando-lhe o uso disso”³⁵.

Nessa relação íntima e maternal, Rena ensinava mais do que concordâncias de português aos crentes que frequentavam a sua casa. Segundo David Gueiros Vieira (2008, p. 262), Jerônimo Gueiros “nos três anos que estudou com D. Rena Butler, de 1895 a 1898, entre outras matérias, aprendeu o inglês”. Alguma dessas “outras matérias” podem estar nesta lista que George Butler fez sobre a formação de Jerônimo Gueiros:

Ele estudou seus livros duramente por cinco anos e conhece sua Bíblia extremamente bem. Seus estudos foram, em sua própria língua, aritmética, gramática, geografia e os Esboços de Teologia de Hodge. Ele traduz bem o inglês, conhece um pouco de grego, canta bem e atrai bem.³⁶

Dessa forma, não só no âmbito privado da casa, mas também no espaço público da igreja ela ocupava a posição de ensino ao lado do marido. O missionário Calvin Porter nos dá um testemunho dessa presença: “E então, vejo as multidões que vão no domingo para ouvir o Bispo Butler pregar, ou ver a Sra. Butler supervisionar

³⁴ “and Sr. Caetano’s son was the first convert. This young man stood by me at the organ and led the choir for fifteen years, read the New Testament through with me and recited perfectly the Shorter Catechism.” In: “Concerning Dr. George Butler’s Work by Mrs Butler”, s/d, p.1. Arquivo da Presbyterian Historical Society, RG 360, series III.

³⁵ “He [Jerônimo Gueiros] was constantly in our home and is like a son to me. In fact it was I who taught the use of a concordance. It was such a wonder to him that he kept me busy still after mid-night showing him the use of it”. Carta de Rena Butler a David Gueiros, escrita de Charlotte, Carolina do Norte, em 2 de março de 1952. Arquivo de David Gueiros Vieira.

³⁶ “He has studied his books hard for five years, and knows his Bible exceedingly well. His studies have been, in his own language, arithmetic, grammar, geography and Hodge’s Outlines of Theology. He translates English well, knows a little Greek, sings well and draws well”. *The Missionary*, fevereiro de 1901, p. 70.

uma escola dominical de mais de oitenta crianças, algumas das quais estão nos seus sessenta anos. Isto faz bem ao coração de alguém”³⁷.

Em resumo, Rena Butler regia uma casa sempre cheia de hóspedes, muitos deles pacientes do doutor Butler, administrava o negócio de exportação das orquídeas, ensinava na igreja e ainda criava os filhos, muitas vezes sozinha em virtude das longas ausências do marido em viagens missionárias e/ou de atendimentos médicos. Percebendo essa capacidade de se desdobrar, o missionário W. M. Thompson, define-a como um “exército em si mesma”:

Estas "Notas" não seriam completas se não fosse mencionar a nobre mulher que possibilita ao Dr. Butler dar atenção total ao seu trabalho, livrando-o de todos os problemas e preocupações possíveis. A Sra. Butler é um exército em si mesma. Estou certo de que não sei qual dos dois tem o maior coração – ambos são grandes o suficiente para tomar e ajudar toda humanidade pobre, doente, sofredora que vem a eles.³⁸

Quando os relatos dos missionários procuram exaltar estas funções exercidas por Rena Butler: a maternal, a educadora e a de retaguarda do marido, eles reforçam um lugar considerado ideal para as esposas de missionário, mas ocultam o papel preponderante que ela teve no estabelecimento da missão no próprio espaço público da cidade. Por outro lado, é importante considerar que esse ideal de esposa não se limitava ao universo privado, ele cumpria uma função pública para o processo civilizador empreendido pela missão:

Muitas vezes, considerou-se que a evangelização que os homens faziam através das palavras era acompanhada pela que suas esposas realizavam através de seus atos. Em um contexto em que civilizar e evangelizar eram quase indistinguíveis, as esposas apareciam como modelos de prática cristã, na sua construção de um lar cristão e de uma família cristã. Portanto, a missão feminina não foi realizada

³⁷ “And then just see the crowds that go on Sunday to hear Bishop Butler preach, or see Mrs. Butler superintending a Sunday school of over eighty children, some of whom are in their sixties. It does one’s heart good”. *The Missionary Survey*, agosto de 1916, p. 614.

³⁸ “These “Notes” would not be complete were I not to mention the noble woman who makes it possible for Dr. Butler to give his undivided attention to his work, saving him all the troubles and worries she possibly can. Mrs. Butler is a host in herself. I am sure I don’t know which of the two has the biggest heart – both are big enough to take in and help all poor sick, sorrowing humanity that comes their way.” *The Missionary Survey*, dezembro de 1913, p. 1117.

apenas para dentro da família, mas estendeu-se em sua influência para fora dela³⁹. (SEIGUER, 2015, p. 23)

Apesar de cumpridora dos papéis esperados, Rena Butler esteve além dos limites ideológicos de auxiliadora, pois sua iniciativa e trabalho possibilitaram não só a expressão do comportamento civilizado, mas a visibilização arquitetônica da fé protestante no espaço público. Além do mais, por meio do sustento financeiro das construções e pela disponibilidade de um meio de vida para a nascente comunidade, contribuiu decisivamente para fidelizar pessoas à igreja.

Não sem razão, os testemunhos se referem a ela como “Mãe Butler”. Se a aliança de George Butler com as famílias de prestígio da região foi fundamental para a manutenção de seu trabalho médico-missionário, um papel decisivo nesse aspecto foi jogado pela atenção, ensino e afetos dispendidos por “Mãe Butler” aos filhos dessas famílias, e também aos membros mais pobres da igreja, o que foi consolidando eficazmente os laços de fidelidade e dependência naquela comunidade religiosa.

Conclusão

A memória construída sobre Mary Rena Humphrey Butler como a esposa do missionário George Willian Butler a consagra ao lugar de uma boa auxiliadora, mãe, educadora, dedicada aos negócios domésticos e capaz de ocupar eficazmente os espaços que lhe cabia na missão do marido. Como um “exército em si mesma”, pareceu preencher todos os âmbitos que lhes foi permitido.

Contudo, com um olhar mais atento às fontes, buscando uma leitura à contrapelo, pudemos reaver a vida, sentimentos e importância de uma mulher que dedicou sua existência em uma missão evangelizadora. Uma mulher que esteve direta e ativamente envolvida em um empreendimento que resultou em conquistas, alegrias, dores, perdas e sucessos ao casale à igreja a qual representavam,mas que, ao fim, restou somente na manutenção e celebração da memória do marido.

Ocorreu com Rena Butler o mesmo que se deu com tantas outras esposas de missionários que foram escondidas (quase esquecidas) por trás dos monumentos

³⁹ “A menudo se consideraba que la evangelización que los hombres hacían a través de las palabras era acompañada por la que sus esposas realizaban a través de sus actos. En un contexto en donde civilizar y evangelizar eran casi indistinguibles, las esposas aparecían como modelos del accionar cristiano, en su construcción de un hogar cristiano y una familia cristiana. Por lo tanto la misión femenina no se realizaba solo hacia el interior dela familia, sino que se extendía en su influencia hacia afuera de ella.”

erguidos (em letras ou em mármore) aos seus maridos, pioneiros do protestantismo no Brasil. Essas mulheres são tratadas nos relatos institucionais como “auxiliadoras” da missão do esposo, o que, do ponto de vista interno ao grupo religioso, é coerente com a representação que se pretende construir sobre o lugar da mulher na sociedade.

No entanto, a vida e ação de Rena Butler questiona essas imagens que consagram a iniciativa, o empreendedorismo e realização social no espaço público como apanágios masculinos – representações de gênero correntemente consagradas pelas memórias oficiais das instituições religiosas protestantes, contribuindo para a legitimação simbólica do poder androcêntrico (e de sua manutenção) nessas estruturas eclesiais.

Essa pesquisa complexificou as imagens consagradas pela memória oficial sobre o casal e realocou a importância de Rena Butler como sustentáculo financeiro daquela missão e como agente fundamental que fez das orquídeas o caminho para construir castelos (igrejas, uma escola e um hospital) e, assim, consolidar e visibilizar a presença protestante no espaço público.

Entendemos, ao fim, que seja necessário continuar o exercício de repensar a importância das missionárias no processo de implantação e expansão de igrejas no Brasil. Nesse sentido, estudar a trajetória de Rena Butler, observando-a em sua relação com o marido e a missão, visou contribuir na releitura do lugar das mulheres na história do protestantismo brasileiro.

REFERÊNCIAS:

- MARTINS, Edijéce. **A Bíblia e o Bisturi**: biografia do Dr. George William Butler. 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo: Ed. Unesp, v.24, n.1, 2005, p. 77-98. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina**: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960). São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.
- RODRIGUES, Meyves e CLEMENTINO, Emanuel. **O Padre Cícero Protestante**. Recife: Ed. dos Autores, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**. 20(2). jul./dez. 1995, p 71-

99. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>

SEIGUER, Paula. Mujeres em Misión: a la participación feminina em las misiones protestantes de América del Sur (1830-1930). In: SILVA, A. L., ORLANDO, E. A.; DANTAS, M. J. (org.). **Mulheres em trânsito**: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas. Curitiba, PR:CVR, 2015.

SILVA, Elizete da. As mulheres protestantes: educação e sociabilidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VII, n. 21, Jan/Abr de 2015. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v7i21.26581>

VERAS, L. A. C. S.; ORLANDO, E. A. As muitas Evas de uma história: a produção de um lugar a partir da publicação de autobiografias. **Práxis Educativa** (UEPG.

ONLINE), v. 14, p. 1-23, 2019. <http://dx.doi.org/10.5212/PraxEduc.v.14n3.006>

VÉRAS, Rogério de Carvalho. **O arquiteto das orquídeas**: trajetória e memória de George William Butler, médico e missionário protestante no Nordeste da aurora republicana (1883-1919). 2018. 391 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

VIEIRA, David Gueiros. **A Historical Study of the missionary work of Dr. George W. Butler and an analysis of his influence on Brazil**. Dissertação (História). University of Richmond, Virginia:1960.

_____. **Trajетória de uma família**: a história da família Gueiros. Brasília: Editora e Comércio de Livros Jurídicos, 2008.

*Recebido em Setembro de 2019
Aprovado em Novembro de 2019*